

possibilidades de leituras e interpretação.

A entrevista indica uma realidade que merece ser investigada de forma mais profunda, e certamente historiadores e pesquisadores de outras áreas podem ter aí um campo vasto de reflexão, não só para compreensão do presente, mas sobretudo para projeção do futuro, ou como nos disse um trabalhador no campo “não sabemos o que nos aguarda”.

Este é nosso convite aos leitores: compartilhar as possibilidades de interpretação.



Eurípedes Batista Ferreira – Presidente do Sindicato. Foto: Renata Carolina Resende.

Data: 24 mar 2009.

Entrevista com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Centralina e Araporã

Paulo Almeida: *Eurípedes, nós estamos aqui Renata Resende, Sérgio Paulo e eu... Nós queremos conversar com você sobre*

as transformações que você enquanto Presidente do Sindicato percebeu e vivenciou no cerrado, especialmente na sua região, nos últimos anos, com a implantação da cana-de-açúcar e das usina. Que implicações você interpreta, você viu, você viveu nesses últimos anos aqui na sua região?

Eurípedes: É, a gente vê o seguinte: no início é como um casamento, tudo foi maravilhoso; no início dos anos oitenta foi muito bom, por exemplo, principalmente pros migrantes, pro pessoal da região. Quando chegou a cana... chegou a coisa do futuro pra se ganhar dinheiro, chegou pra assim tudo. Então todo mundo começou a... No início, pro cê tê uma noção, pessoas jovens que tava estudano foi trabalha na cana é... crianças. Até que na época, naquela época, tinha até criança. Até que foi... era uma bandeira de luta nossa num tê menor trabalhando. Tudo foi maravilhoso nos anos oitenta, mas a partir daí eu creio que hoje (eu já vou pular pros dias de hoje) nós tamo é com problema, o setor tá... parô de ganhá milhões de dinheiro, e os trabalhadores tão aí a deus-dará. A deus-dará por que? A mecanização chegou e o governo, as empresas não tem nenhuma... não se importô com eles, não criou nenhum mecanismo... uma questão mais social (na área social) pra esses trabalhadores. Então acho que eles só sabe cortá cana, só sabe plantá cana, só sabe capiná cana, uma grande maioria (de dez a quinze anos pra cá) só sabe mexê com isso, não sabe mexê com outra coisa. E agora a cana tá sumindo. Sumindo, a mecanização chegou... a crise chegou e não tem perspectiva pra essas pessoas. Pra você ter uma noção, em Minas Gerais, até o ano passado, é em torno de setenta mil trabalhadores na cana (só de Minas)... hoje... a perspectiva desse ano é quarenta mil, e o que nós vamos fazer com trinta mil pessoas? O governo não tem bolsa "não sei o que lá", não tem isso... acho que não é a solução, né? Então a minha perspectiva é boa no início... mais dos quatro, cinco anos pra cá... a gente tem se ocupado muito em... acho que a perspectiva dessas pessoas que trabalham na cana... a maioria não tem pra elas, no momento não tem.

Paulo Almeida: *E você falou que nos anos oitenta era essa promessa de “Eldorado”. O que se fazia nessa região? Naquela época o que se plantava? Como é que viviam essas pessoas? É... a cana veio substituir o quê, aqui na sua região? Especificamente, nessa época, durante esse período?*

Eurípedes: Bem, na minha região é o seguinte: nos anos oitenta havia uma monocultura que a gente falava, tinha muitas lavouras de milho, muitas lavouras de algodão, muitas lavouras de arroz, tinha muitas, tinha muitos agricultores familiares... morava muita gente nas roças, uma grande maioria morava, mas aí chegou a cana, chegou a cana e isso foi sumindo... então, foi engolino. Tipo assim: uma fazenda que tinha aí cinquenta alqueires (ela tinha lá cinco pessoas morando na usina) foi.. alugô e plantô cana até lá onde tinha a casa do cara e aquelas pessoas veio pra cidade. Elas faiz o que? Se ela plantava lá (um trabalhava pra um fazendeiro) ou coisa assim..., plantava lá no fundo uma horta, criava galinha e tal... chegou um aperto aí muito grande, a grande maioria já veio pra cidade... então, veio pra fazer o quê? Trabalhar na cana, e que agora tá sem perspectiva. Então na época tinha muita... plantava-se milho, arroz, feijão, criava galinha e trazia porco pra vender na feira. Hoje até a feira não tem mais aqui, numa cidade pequena aqui... se ocê for na feira ninguém vende galinha... porque não tem... vai criar aonde? Então a usina veio e abafou o município, tipo assim, alugou os municípios... então... secô, fechô...

Paulo Almeida: *Mas, então, as usinas compraram essas terras ou elas arrendaram? Como é que foi esse processo?*

Eurípedes: Oitenta a noventa por cento é arrendado aqui na minha região... A usina tem pouca, a própria usina, em si mesmo, tem pouca lavoura... então alugou por dez anos (aquelas pequenas propriedades). O que tinha vinte alqueires alugô por dez anos; o outro tem dez alqueires, alugô por dez anos; o outro tem cinco alqueires, alugô por dez anos...

Paulo Almeida: *Mas é o próprio proprietário da terra que planta a cana? Ou é a usina que...*

Eurípedes: ...a usina que aluga e planta cem por cento. Aqui não tem fornecedores pequenos, nós não temos aqui, aqui o cara aluga e fica amarrado com a usina... se a usina não paga a comida dele, ele não vai comê mais ou menos... assim paga-se por mês, por seis meses, por um ano, tipo faz este contrato de dez anos e...

Paulo Almeida: *Então a presença da usina afetou não só a questão do trabalho e trabalhador, mas também do pequeno proprietário?*

Eurípedes: ... do pequeno proprietário, hoje nós não temos pequeno mais. O pequeno tá aqui na cidade, ele tá... tá aposentado (aposentou) e ficou só na praça... e alugô a terra dele, e tá só na praça... pescando, não tão fazendo nada. Então, a usina monopolizou. Ela é dona de tudo praticamente... é a prefeita, delegada, juíza do município...

Paulo Almeida: *E agora você falou da mecanização. O que é essa mecanização Eurípedes?*

Eurípedes: Hum... é um ponto preocupante. No início plantava-se cana com mão de obra (as pessoas), ganhava-se dinheiro... ganhava-se dinheiro. (Hoje) por exemplo ganha dinheiro... é os usineiros que ganha dinheiro. Plantava cana, cortava cana, capinava cana, dava combate na cana. Hoje em dia não. Hoje em dia já tem uma máquina que planta, têm várias máquinas que colhem, têm os aviões que dão combate. Os tratoristas... quase num tem... quase tudo mecanizado e a mão de obra foi sumindo, quase que hoje... eu creio que nós tamo aqui na minha região... a previsão é de setenta e cinco por cento esse ano... é setenta e cinco por cento mecanizado, onde se tinha mil pessoas vai ter duzentas e cinquenta, então setenta e cinco por cento... é cada vinte e cinco e...

Paulo Almeida: *Essa mão de obra que permanece, é uma mão de obra especializada?*

Eurípedes: Isso... justamente essa mão de obra que as usinas necessita... Isso..., essas pessoas, nem se a gente quiser absorver ela... é impossível porque pega uma colhedeira aí de um milhão de reais... o cara tem que ter curso. O trabalhador que tem trinta anos... na média vinte a quarenta anos (na média)... pra ele aprender tocar, ele vai ter que estudar cinco anos. Então fica impossível reaproveitar. É impossível nos equipamentos que tem aí... até o que gasta muita gente: uma colhedera vai gastar aí em torno de dez a quinze pessoas... de dez a quinze especializada... essas pessoas que nós temos mal... mal (oitenta por cento) tem a quarta série antiga... que não é a de hoje não. Impossível aproveitar esse pessoal.

Paulo Almeida: *Agora você acha que isso tem relação com aquela discussão que foi feita no Triângulo da autorização pra implantação das usinas, mas ao mesmo tempo a proibição das queimadas?*

Eurípedes: Com certeza. Eu vou falar uma coisa aqui que as veiz vão me massacrar por isso né? Defendo o meio ambiente, acho que tem tudo a ver. Mas as queimadas não é o mais importante na cana-de-açúcar. Não é o problema principal da cana-de-açúcar... Enquanto eles tão vendo assim não se pode queimar. Por que...? Mas aí eles pega e me dá outorga pra sugar os rios... sugar as águas... isso vai depredar mais o meio ambiente. Eles pegam jogam agrotóxico... de tudo quanto é tipo nas lavouras, nas nascentes... e eles não falam isso. Os promotores é... fala: "vamos proibir as outorgas", "vamos cortar as águas"... , "não usar tipo X de herbicida"... mas eles proibiram as queimadas, que reflete na questão social. Tem X pessoas que dependem dessa queimada, é um problema do meio ambiente, mas tem outros que eles não olham... não é o problema principal do meio ambiente essas queimadas na cana não, tem outras coisa que prejudicam muito mais.

Paulo Almeida: *E a mudança nas cidades? Eram cidades que você disse que até a década de oitenta eram pequenas. Essa mudança, essa promessa do “Eldorado”, modificou muito a cidade? Que mudanças você observou, viveu nas cidades, nos municípios e mesmo nos locais urbanos? Como é que foi isso? Como é que hoje as pessoas da cidade, aquelas pessoas antigas da cidade, como é que elas estão sentindo esses reflexos que você tá me dizendo?*

Eurípedes: O reflexo é o pior possível, porque as pessoas da cidade... É o seguinte: nós vivemos o capitalismo, então, quando começou, quando nós tava falando do “Eldorado”, todo mundo veio ganhar dinheiro... vem migrante, as pessoas da cidade se prepararam pra ganhar dinheiro dos migrantes e da usina. Então, tipo assim, todo mundo quis fazer casa pra alugar, todo mundo quis fazer comida, todo mundo quis vender isso ao povo migrante. Então com esse negócio da mecanização... eles não prepararam pra isso. Então tá todo mundo paralisado. Eu creio assim, tipo assim, tem um município aqui que tem usina falindo... a usina faliu, o município faliu também porque ele depende da usina, ficô atrelado, né? Depende da usina... não depende da cana! Vamos falar bem assim: então as pessoas só sabem do município, do município, como tinha muito migrante (a principio veio muita usina pro município), veio muita mão de obra... então (mão de obra grosseira). As pessoas do município quais num queria... “eu quero ser gerente”, “eu quero ser isso”, “quero ser aquilo”. O grosseiro é só pro migrante e as outras coisa ficô pras pessoas do município. Tudo que se vende, tudo que se faz, as pessoas do município oferecem. Eu vou dar um exemplo pra você... (as cidades que)... as cidades turísticas, por exemplo, as pessoas do município se prepara pra vender pros turistas assim como aqui se preparou pra quem vem de fora, então, com essa decadência do setor da mecanização, tá todo mundo igual... os próprios migrantes... que as próprias pessoas que vinha, as próprias pessoas daqui que cortavam cana, que planta cana, não tem perspectiva e eles...

Paulo Almeida: *E esses migrantes estão retornando ou permanecendo na região?*

Eurípedes: A gente tem uma série de problema com esse povo... a gente já procurou, tipo assim, as prefeituras daqui. A gente tem é problema sério! Pessoas sai lá de seu município e vem pro município tal... que ele vai cortar cana, vai plantá e vai fazer o que? Aqui não tem! Aí chega aqui... é um problema social prá prefeituras, que eles chega e vem... e nesse período agora já tá começando quando cinquenta, sessenta, setenta pessoas chega aí... e sem saber nada eles vem, porque aqui é bão! Igual a Serra Pelada... vem por que? Chega aqui não tem nada, não tem dinheiro pra voltar (não tem dinheiro pra...) não tem lugar pra ficar, é um problema pro município, um problema pro sindicato, um problema pra própria empresa (que ele veio e)... vai lá pra porta. Então não é uma coisa boa.

Paulo Almeida: *E o poder público e as prefeituras dos municípios daqui da região, como é que eles estão lidando com isso?*

Eurípedes: As prefeituras e municípios, infelizmente, eles viram as costas. Pra ser bem direto, todo município... eles não quer nem saber de migrante, não quer nem saber se tem gente aqui... se tem ser humano, se vem criança de lá... quando chega aqui, pra você ter um exemplo, tem uma dificuldade... (eu mesmo aqui nesse sindicato) você leva gente pra outro município: "Ah! Eu vou tirar um documento tal"... o cara é lá da barra deles, não atende de jeito nenhum. Isso não é aqui não, isso é generalizado, é um problema seríssimo que a gente têm... você chega no posto de saúde (cada município tem X vagas, né?) tem dez vagas, vinte vagas, pra um médico tal. Aí vem cinquenta de lá pra arrancar dente, porque lá quase num tem dentista. Aproveita e vai, tem dez baiano na fila e eles num atende. Aí ele toma a vaga que é do cara do município, que vota aqui, então o problema é sério... não quer nem saber quando a gente fala assim: "que o migrante (aqui mas)... se ele ganha dinheiro... eles querem vender pra ele". Mas a assis-

tência social é falida mesmo, você pode perguntar qualquer um aí.

Renata: *Você falou que é importante o meio ambiente, mas que não é tão importante assim perto do problema social, mas queria que você falasse um pouco dos impactos ambientais.*

Eurípedes: Até onde eu sei, mas isso eu não sei pela ignorância, qual é o fator que traz pra camada de ozônio? Que traz pro país? Traz uma série de coisas, mas eu acho que não é tanto tipo assim... ou eu corto um braço, ou eu corto uma perna, né? Ou, aliás, eu corto um braço, ou corto um dedo, né? Ou corto o dedo, né? Pelo menos não dá tanto assim. Quando nós queimamos, ou quando nós fazemos outras coisas... então se nós temo que... se queimada dá X de impacto, se jogar herbicida dá mais X, se jogá... se nós fazê irrigação (que não sei se já viram... pega a água nesses corguim e sai jogano, sugano os corguim)... aguando (todas as cana do município é irrigada)... se nós irrigamos as águas nós vamo matá todos peixe... então X mais X mais X vai dar então... Se nós: "Ah vamo deixar pelo menos"... se nós tira as queimadas e deixa o resto, nós perdemos X com X.. Então, vamos deixar queimadas e tiramo o resto, porque tirano a queimada nós beneficiamos X ... mais X pessoas.

Renata: *Então tirar a queimada não resolveu o problema nem ambiental e nem social?*

Eurípedes: Não resolveu... corta as queimadas, não resolveu. Cortasse tudo... aí sim, eu acho que nós resolveríamos, mas chamá eles pra fazer isso... eles não deixam então.

Sérgio Paulo: *Você disse assim lá no começo, que agora essa crise tal... que com essa crise as pessoas que trabalham com cana (todo mundo), seja quem trabalha na colheita, seja quem trabalha..., quem arrenda uma terra... A cana está em crise? O que é essa crise?*

Eurípedes: É... não é que a cana tá em crise. Eu acho o seguinte: muita gente tá ganhando dinheiro com a crise também, né? Então nós fizemos até um adesivo: “eles tão ganhando dinheiro com a crise”. A palavra crise agora... acho que tá todo mundo usando, eu acho que... investiram, plantaram, alugaram. Tem gente que montaram usina em cima da outra, e aqui pro cê tê uma região (aqui a noção, aqui nossa região tem...) cê sai de uma usina e entra em outra... então alguma vai ter que falir. Se nós monta aqui dez lojinha de roupa, aqui na mesma rua, umas vai ter que falir! Se nós bota só cinco, vai funcionar... então não é que tá em crise... foram desordenados. A concorrência deles memo é desleal... não é que tá em crise... então, montou-se muita usina, criou-se muita expectativa e trouxe muita gente... fez um... e agora algumas faliu.... não é que tá em crise não! O álcool... todo mundo gasta açúcar, gasta isso... (não pára... e) eles tão produzindo, plantano e alugano... e não tem crise não. Crise é dos trabalhadores... por que? Se pegava mil, agora uma colhedera colhe com setenta... ficô eles que vão ganhá mais dinheiro. Mas a minha preocupação maior não é com a usina, com a crise, não! É com as pessoas. Nós temo aqui... tinha setenta mil pessoas, agora nós temo trinta mil pessoas esse ano. Nós vai fazê o que?

Paulo Almeida: *Você acha que aquelas outras quarenta mil, que viriam, elas vão continuar vindo? É isso que você está dizendo?*

Eurípedes: Parte delas vai continuar vindo mesmo sem perspectiva, porque é melhor eles tentá aqui do que ficá lá na região deles, tipo assim, aqui é setenta mil... quarenta mil vai ser absorvido... vai faltá trinta mil. Essas trinta mil, onde que elas vai ficá? Parte delas é daqui mesmo, é do município, uma pequena parte é daqui, mas outros são migrantes... eles vem. Vai ficá lá fazendo o que? Eles tá há dez anos vindo e tratando da família, agora não tem como vir... eles vem até a pé! E chega aqui... e (tipo assim pra você ter uma noção) quando vai fazer uma fichação (que a gente fala)... é quando vai contratar, é outra coisa, né? Aqui tem uma

usina que é pra fichar oitenta... apareceu duzentas e cinquenta em um dia lá... duzentas e cinquenta senhas! Tive que dar senha ainda... e os outros tão por aí esperando. Eles pega nome de todo mundo, entrevista todo mundo e dez dias depois sai a lista dos oitenta... e aqueles outros? Tá sem fazer nada, não tem um daqui, um dia vai acabá. Ele tá na casa, num amigo... o outro também já não conseguiu... aí vem pro sindicato, vem pra prefeitura, aí começa a cascata porque tipo... Vamo dá em números pro cê: vem quinhentas pessoas pra cá... ficho cem, sobrou quatrocentas. Essas quatrocentas não tem nada pra voltar... a família dele tá lá passando dificuldade... ele vai fazê o que da vida? Nós já fizemos uma "vaca"... que ligô pro prefeito da cidade lá pra mandá ônibus pra levá gente embora daqui, porque eles ficam louco aqui... uns perde a cabeça vai bebê cachaça, uns vai robá... outros vai... Isso acontece tudo, outra coisa (que nós temo um problema maior pro cê vê)... essa é minha preocupação... e que os governo não vê na maioria dessas pessoas... que é da cana. Uma grande parcela tem mais de quarenta anos... (quarenta, quarenta e cinco, cinquenta). A usina não quer nem olhar pra esses que tá com quarenta, eles quer cara fortão mesmo... eles não quer gente de meia idade. Essas pessoas não conseguem serviço no mercado, não tem qualificação. Só tem força aí... Eles já tá perdendo as força... vai fazê o que? Aí gera outro problema: chegou nos cinquenta, sessenta... ele não aposenta, por que? Não tem recolhimento, o que nós vamo fazê com essas pessoas no futuro? Eu vejo assim... daqui dez anos... porque parte vai morrer! Mas os que sobra daqui dez anos? Tá na época de aposentá... aí eles não aposentam... não tem recolhimento. Eles só trabalha de seis em seis meses... não tem recolhimento. O INSS tá com uma linha de que tem que ter hoje... o ano passado, atrasado, era treze anos, depois quatorze... agora é cento e cinquenta meses... ano que vem é cento e setenta, que tem que ter tantas contribuições contínuas. Bem, nós já temos problema aqui de cortador de cana que não consegue aposentar, porque não tem as contribuições contínuas... e ele trabalha todo ano... só que ele não trabalha, não paga continuado. Tem uma regra, quatro anos era um tanto de contri-

buição... esse ano um tanto e vai aumentando. Acho que agora é cento e cinqüenta e oito contribuições pra você ter direito, bem, e assim por diante. Daqui dez anos não sei o que vai acontecer com a grande massa... porque esse povo aí não sabe nada, né? Acho que o governo deveria ter uma questão social... pra fazê alguma coisa por essas pessoas...

Paulo Almeida: *E como é que o sindicato tem feito o debate dessa situação toda com a sociedade? Vocês têm conseguido espaço necessário pra discutir isso com a sociedade como um todo? Você acha que hoje a sociedade, de uma forma geral, mais especificamente aquela onde você está situado, tem consciência dessa situação toda? Vocês têm conseguido esse espaço pra debate?*

Eurípedes: É... eu vou começar lá atrás. O seguinte: eu sô cortador de cana, plantei cana, catei algodão, catei milho... já fiz de tudo na área rural. Eu tô aqui há cinco anos... então assim eu já tenho um conhecimento, cortei cana por mais de dez anos. Então o único espaço que a gente conseguiu foi com muita luta... foi a questão social. Tipo assim, eu vou voltar lá atrás no passado, a gente num tinha carteira assinada, hoje nós temos todos os direitos e o Ministério do Trabalho... (eu acho que eu tenho até dever de dizer que o Ministério do Trabalho, pelo menos aqui, atua bem), tem carteira assinada, tem isso, mais aquilo e mais aquilo. Mas nós somo privilegiado... eu vô fala isso... mas aqui nós somo privilegiado, né? Todos os lugares que tem... é muito pouco que tem o que nós temo aqui. Mas essa questão social ninguém olha não. Nós não temo que discutir não... se você chama aqui um vereador... (aí vamo arrumá aqui um documento)... o prefeito não quer saber, o juiz nem quer saber, os procuradores... então, eles fala assim: "Ah! não pode queimar a cana"... não quer nem saber se o cara come, aí você vai lá e fala: "Ah doutor... eles tão jogano defensivo". [Juiz] "O cara tá com a autorização?" Tá! Então a questão social ninguém olha... ninguém falou nisso ainda. Você pode ver que... você nunca leu isso que eu te falei? Nunca ninguém...

tem tudo a ver e ninguém pensa nisso e como é que essas pessoas vão aposentar? Como é que o governo vai tratar delas daqui uns dias? O que eles vão fazer? “Ah! não pode queimar”... não pode isso, mas o quê que eles... as pessoas vai fazê? Mas... tem um programa de governo pra requalificar essas pessoas? Nem o mobral que tinha antigamente, se a gente for na lavoura... de cem... (eu tenho aqui meus livro de ata aqui... todos é dedão)... Se você for lá e não levar tinta... cê num pega assinatura. Então assim, não tem nenhum programa pra isso, nem um programa de nada, ninguém pensou nisso.

Sergio Paulo: *A solução seria diminuir a cana? O que seria?*

Eurípedes: Não é diminuir a cana...

Sergio Paulo: *...voltar àquela propriedade pequena?*

Eurípedes: Delimitar... eu acho que deveria delimitar, por que delimitar? Outra coisa que ah... tem só cinco por cento de cana plantada no Brasil. Falta muito, falta, mas cinco por cento nos lugares que mais produz, tipo assim, cana só plantou-se aonde tem água descendo e subindo pra todo lado, onde as terras são melhores possíveis do mundo, mais agricultáveis... tudo que planta aqui... Eles plantô cana... onde você planta de tudo. Não tem cana lá no sul de Minas, não tem cana no sul da Bahia, não tem cana lá nas áreas onde as terras não são ricas em nutrientes igual aqui... Lá não tem água, o clima não é bom, não é tropical. Então, assim, eu acho que deveria a região tal plantar X % fazê o...o... como é que nós falamos? É um remapeamento, tipo assim, aqui... em Centralina tem terras, a terra aqui como é que é? Medir o padrão dela aqui tem isso, tem isso, então vamo delimitar! Se delimitasse não daria... as terras boas é aqui no Pontal do Triângulo. Você já viu falá Pontal do Triângulo? Delta? Sul de São Paulo? Aqui, começo de Goiás, aqui é a mina. Tudo que cê planta dá, e chove todo dia, tudo dá, e eles foi plantano cana e tampô tudo aqui. As partes mais agricultáveis... plantô em cana. Eu acho que

se deve delimitar, se pusesse regra... Usina vai fazê isso, tem que ter tantos de mão de obra, tem que contratar tantos pra isso, tem que ter programa social, tem que ter lá uma escolinha... sei lá, se de cada cem... nós aproveitasse pelo menos um! Escola de informática... isso as usinas não faz... só pensa em ganhar dinheiro e a ação da justiça, paga advogado mais não monta uma escola, um negócio social, uma escola agrotécnica... que não tem pras usinas bancar tanto, pra isso não tem! Se tivesse um programa... até por parte do governo, até pelas empresas... funcionaria.

Paulo Almeida: *E você acha que essa idéia de crise, esse ano, ela tem dificultado a negociação coletiva? O que mudou?*

Eurípedes: Nossa Senhora! Assim elas [usinas] não pararam de vender, não pararam de plantá, não pararam de comprá os tratores, os adubos e caminhões. Mas chega lá nelas... o negócio é que eles... e sabe da crise e pega mil jornal e põe lá... cê vai fazê o que? E a mão de obra nossa aqui não é qualificada... nós ficamo a mercê, então, esse ano é aumento zero pra classe rural! Mas tem lá os diretores... o cara ganha quatro mil, cinco mil, o outro ganha três mil e agora nosso piso é quatrocentos e oitenta [reais]. Então... dos rurais é quatrocentos e oitenta aqui, muito pouco, pros rurais num tem, num tem a crise... tão ganhano dinheiro com ela... mas as usinas não tem nada de crise.

Sergio Paulo: *Como os trabalhadores estão vendo isso? Como é que eles chegam e discutem isso com o sindicato? Eles fazem isso?*

Eurípedes: Fazem... e até fazem e até tem medo de fazê, até tem medo de fazê... o cara chega, ele quer é fichar. Ah! Tem uns que ficha escondido no... "eu vou trabalhar... pelo amor de Deus". Vai lá na casa do gato (o gato é o aliciador): "pelo amor de Deus, leva eu". Então não tá teno nem como, se ocê num chega e chama pra discutir... "ih gente vamo, amanhã nós vamo discutir isso", nós num temo nem muito recurso, tem que usar de artifício... pra...

mas eles não tão aderino a nada! Porque os cara põe eles na corda bamba... não tem como a gente pressionar pra se negociar.

Renata: *E esse projeto aqui (mostra reportagem no jornal do sindicato), você podia falar um pouco?*

Eurípedes: Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável. Isso ai é o que eu falo e cria alguma coisa, tipo assim a usina alugou...

Renata: *Então o sindicato está trabalhando nisso?*

Eurípedes: Está! Mais a gente consegue muito pouco. Eu aqui no sindicato nós damos curso, nós somos o único sindicato de Minas que são parceiros do SENAC, conveniado com o SENAC. Nós damo curso de vez em quando... nós forma alguma turma de tratorista lá de vez em quando, nós forma cara pra pegá cana, a gente forma mais é muito pouco. Eu acho que as próprias usinas deveria ter... tem uma turma aqui nessa foto que a gente formou (aí oh... eu tava lá na formação) ano passado. Nós conseguimos forma noventa e seis pessoas. Tratorista... o cara num sabe, porque hoje tratorista não é igual antigamente, antigamente tinha os giriquim. Ocês já ouviu falar nessa palavra? Você toca girico? Você é tratorista? Então pega aquele tratorim ali. Tratorim hoje em dia não... tratorista tem que ser qualificado, trator de trezentos mil... aquele negócio grande que tem computador de bordo, então não é qualquer um... você tem que formar, você sabe tocar ele, mas não sabe manejar. Tem que ter curso.

Paulo Almeida: *Eu queria voltar a uma idéia. É a seguinte: você disse que as usinas ainda aram a terra e tal... mas, também, você conhece melhor do que a gente, a cana acaba com a terra?*

Eurípedes: Acabá, ela não acaba... ela suga, né?

Paulo Almeida: *Então você não é profeta, mas sabe avaliar*

o que vai ser dessa terra daqui a dez ou quinze anos, se não houver uma reversão desse processo nesse projeto do desenvolvimento rural sustentável. Como você avalia?

Eurípedes: Já aconteceu caso aqui, tipo assim, quando a usina já venceu alguns contratos, a usina aluga por seis anos, dez anos... eles fazem um contrato, né? Seis anos, oito anos, dez anos... aí entrega lá. Venceu o cara é dono daquele chão... aquele negócio lá, o cara vai planta lá... e ele gasta uns dois anos pra recuperar. Ele num tem o dinheiro porque ele foi pegando o aluguel e comendo, e a usina entrega pra ele aquele negócio... então aquela soqueira gasta dois anos... pro cê voltar a terra a ser o que era. Tem que tratar ela, criá um sei lá, não sô agrônomo... mais tem que fazer uma cobertura... plantá alguma coisa lá pra voltar os nutrientes dela. O cara não dá conta. Tem cara que a terra acabou... que ela tá... mesmo sendo agricultável ela acaba, se ocê não fizer uma correção. Aconteceu caso já disso.

Paulo Almeida: *Você acha, assim, que o rastro que a cana deixa...*

Eurípedes: Vai deixar com certeza aqui... como vai deixar nas pessoas que eu falei daqui a dez anos... e já tá deixando. Ela vai deixar também aquilo ali, vai secar... tipo X nascente que tinha vai ter só Y... vai ter... onde se produzia tanto, vai se produzir menos... onde tinha tantas árvores, não vai ter... onde que tinha isso, onde que tinha tantos animais, não vai ter. E esse impacto vai ser grande ...vai ser grande, e... quando eu falava lá, eles num fez essa avaliação... eles só fez a avaliação da queimada, né. Vai acabá em 2012... não queima cana mais... aí acabou o problema, não acabou aqui!